

# Grupos de direitos humanos temem ameaça às liberdades civis nos EUA

Campanha antiterrorista leva a novas diretrizes que restringem direitos

**Bob Deans**

*Do New York Times*

● WASHINGTON. Para um país que passou meio século exportando as pomposas noções de liberdade e justiça, foi um tapa na cara. No início da semana, o respeitado grupo de direitos humanos Anistia Internacional acusou os Estados Unidos de hipocrisia, argumentando que o país fez vista grossa a abusos sistemáticos de direitos — em casa e no exterior — no interesse de sua campanha antiterrorista global.

Mas o grupo, baseado em Londres, não foi o primeiro a fazer a acusação. O Human Rights Watch (HRW), de Nova York, disse coisas parecidas no ano passado, assegurando que os EUA estavam dando a aliados-chave na luta antiterror um passe livre na questão de abusos em troca de cooperação na caçada aos membros da rede terrorista al-Qaeda.

Os dois grupos também criti-

caram mudanças nas orientações sobre o cumprimento das leis federais. Parte de um esforço para ajudar agentes a encontrar terroristas e impedir atentados, estas mudanças têm, para os críticos, feito pender a balança da Justiça de forma que ameaça as liberdades civis.

## Bush garante que liberdades civis serão respeitadas

Estes grupos apontam para detenção de quase 1.200 pessoas — a maior parte de origem asiática ou árabe — depois de 11 de setembro, a recusa a conceder algumas proteções previstas pela Convenção de Genebra a combatentes talibãs presos em Guantánamo e a criação de tribunais militares especiais para julgar estrangeiros acusados de atividades terroristas, sem os mesmos direitos de apelação e padrões de prova das cortes civis.

— Isto nos preocupa muito — disse Tom Malinowski, diretor do HRW em Washington. —

Com o tempo, pode tornar os Estados Unidos menos eficientes na defesa dos direitos humanos lá fora.

O presidente George W. Bush rejeita essas críticas:

— O que pretendemos fazer é honrar a nossa Constituição e respeitar as liberdades que nos são tão caras. E queremos nos certificar de que faremos tudo o que pudermos para impedir um novo ataque. Nossa trabalho mais importante é proteger os Estados Unidos.

Desde 11 de setembro, porém, esta equação sofreu alguns desajustes. Para fazer guerra contra o Talibã e a al-Qaeda no Afeganistão, Bush tem contado com a ajuda de países criticados no passado por abusos de direitos humanos, como Arábia Saudita e Tadjiquistão.

— Isso não passa despercebido em outras partes do mundo e prejudica nossa capacidade de criticar — diz Kurt Goering, vice-diretor executivo da Anistia Internacional. ■